

# LÍNGUAS DE SINAIS DE FRONTEIRAS: O CASO DA LSV NO BRASIL

## BORDER SIGN LANGUAGES: THE CASE OF LSV IN BRAZIL

Paulo Jeferson Pilar Araújo 1  
Thaisy Bentes 2

**Resumo:** Este trabalho aborda os estudos sobre a Língua de Sinais Venezuelana-LSV propondo seu estatuto de língua de fronteira no Brasil. Defende-se que a LSV deva ser incluída nos trabalhos que se ocupam sobre a diversidade linguística no país e em políticas linguísticas voltadas para línguas de imigração. Destacam-se trabalhos que se ocupam da presença de outras línguas de sinais no Brasil, categorizadas como nativas ou de imigração como também nos contextos fronteiriços no Brasil e outros países da América Latina. Chama a atenção o interesse por estudos envolvendo a LSV em contato com a Libras no Norte brasileiro e as frentes de pesquisa que devem ser consideradas para um entendimento mais geral sobre a situação e transmissão de línguas de sinais nas Américas.

**Palavras-chave:** Língua de Sinais Venezuelana. Línguas de Sinais de Fronteira. Libras. Brasil-Venezuela.

**Abstract:** This work addresses the studies on Venezuelan Sign Language-LSV proposing its status as a border language in Brazil. It is argued that LSV should be included in the works that deal with linguistic diversity in the country as well as in language policies carried out on immigration languages. Works that deal with the presence of other sign languages in Brazil, categorized as native or immigration languages as well as in border contexts in Brazil and other Latin American countries are highlighted. It is called the attention for the interest in studies involving LSV in contact with Libras in the North of Brazil and it is also suggested some research initiatives that should be considered for a more general understanding of the situation and transmission of sign languages in the Americas.

**Keywords:** Venezuelan Sign Language. Sign Languages in Borders. Libras. Brazil-Venezuela.

Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo-USP 1  
e em Linguística Africana pela Bayreuth International Graduate School of  
African Studies-BIGSAS em Programa de duplo doutorado entre a USP e a  
Universidade de Bayreuth, Alemanha. Professor permanente no Programa de  
Pós-graduação em Letras-PPGL da Universidade Federal de Roraima-UFRR.  
Professor efetivo do Curso de Letras Libras Bacharelado da UFRR. Líder do  
Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais-LaPLOS (CNPq). Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/8418021241371644>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9965-3444>.  
E-mail: paulo.pilar@ufr.br

Mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília-Unb. 2  
Professora efetiva do Curso de Letras Libras Bacharelado da Universidade  
Federal de Roraima-UFRR. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em  
Tradução e Interpretação Intermodal-TradIn. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5535862195916827>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4449-1927>.  
E-mail: thaisy.bentes@ufr.br

## Introdução<sup>1</sup>

Os estudos sobre as mais diversas línguas de sinais (a partir daqui LSs) do mundo têm crescido consideravelmente, seja na quantidade de publicações, conforme obras de referência (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012), como na qualidade e acessibilidade aos resultados de pesquisas. Ainda assim, pouco se conhece da real situação de muitas LSs no mundo, caso de boa parte das LSs na América Latina, Caribe e continente africano, por exemplo. Os números de LSs conhecidas vão de 144 a quase 200, de acordo com algumas bases de dados<sup>2</sup>.

Além das LSs consideradas consolidadas, isto é, reconhecidas legalmente por leis nacionais, descritas ou documentadas contando com dicionários e gramáticas, pesquisadores têm se atentado para a existência de LSs de comunidades isoladas ou rurais que na literatura tem levado a denominação de *village sign languages* (línguas de sinais rurais ou vilas) (VOS; ZESHAN, 2012). Em países de extensão continental como o Brasil é esperado que houvesse a existência de outras LSs além da Língua Brasileira de Sinais-Libras, como é o caso da Língua de Sinais Urubu Kaapor, documentada quase paralelamente com a Libras (FERREIRA-BRITO, 1984). No entremeio dos conceitos de LSs nacionais e LSs rurais encontram-se categorias de LSs em contextos de minoria, caso das línguas de migração e de fronteiras ou de herança. Esse seria o caso da Língua de Sinais Venezuelana-LSV no contexto migratório no estado de Roraima, Norte do Brasil. Abordamos, então, o estatuto da LSV como língua de migração e de fronteira, nos detendo sobre as particularidades sociolinguísticas de uma LS em tal contexto, no Brasil em particular e na América Latina em um contexto mais geral.

O artigo está composto pelas seguintes seções, além desta Introdução e das Conclusões: a primeira enfoca as categorias de línguas de sinais documentadas no Brasil, sugerindo-se que as línguas de sinais de fronteira sejam consideradas nessas tipologias; a segunda seção descreve a LSV em seu contexto nacional e transnacional; a terceira seção traz exemplos de fenômenos de contato linguístico em situações de fronteira tomando como exemplo a Libras e a LSV. A quarta e última seção traz um levantamento preliminar dos possíveis focos de existência de línguas de sinais em/de fronteiras no Brasil e pela América Latina.

## Para a caracterização de uma LS da fronteira

Quadros e Silva (2017) seguindo proposta de Quadros e Leite (2014) dividem as comunidades surdas em três categorias, conforme abaixo:

as línguas de sinais nacionais, que desfrutam de algum reconhecimento e/ou políticas linguísticas que as colocam como língua oficial da comunidade surda de seus respectivos países; as línguas de sinais nativas, faladas em pequenas comunidades pouco ou nada urbanizadas, em geral distantes dos grandes centros, que apresentam grande incidência de surdez; e as línguas de sinais originais, que também eram faladas por pequenas comunidades de surdos previamente à instituição de uma língua de sinais nacional no país. (QUADROS; SILVA, 2017, p. 143)

As categorias utilizadas pelas autoras são baseadas muito mais em termos geopolíticos, especialmente para distinguir as nacionais das nativas. Para a categoria de LSs originais depreende-se que haja um fator histórico que as colocam como antecessoras da inserção de alguma

<sup>1</sup> Este artigo é decorrente de pesquisas produzidas pelo primeiro autor no âmbito da Cátedra Unesco em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo (UCLPM/UFSC) (<https://www.unescochairlpm.org/>), e relacionadas a ações de extensão universitária do Programa MiSordo (Migrante Sordo) (n. 47092020/PRAE/UFRR), coordenado pela segunda autora.

<sup>2</sup> Na impossibilidade de listar os trabalhos sobre as afirmações do parágrafo, sugerimos o acesso às páginas do SIL (Summer Institute of Linguistics): <https://www.sil.org/sign-languages> que traz informações de 144 LSs, e do Glottolog (<https://glottolog.org/resource/languoid/id/sign1238>) que traz informações de 196 línguas de sinais.

outra língua considerada majoritária. A classificação proposta pode servir didaticamente, no entanto, verifica-se que a distinção entre línguas originais de nativas se dá apenas pelo fato de as primeiras serem encontradas em comunidades indígenas brasileiras, conforme quadro apresentado em uma série de publicações (QUADROS; SILVA, 2017; SILVA; QUADROS, 2019; QUADROS, 2019) nas quais são apresentadas cerca de 6 LSs originais e 6 nativas. O número de LSs originais pode aumentar à medida que pesquisadores e estudiosos, linguistas ou não, “descobrem” e se preocupam com a documentação de uma “nova” língua de sinais rural/de vila<sup>3</sup>.

Na proposta original das Quadros e Silva (2017), as comunidades surdas contempladas são apenas aquelas consideradas como originárias do Brasil. Ficam de fora as possíveis situações de LSs de fronteira e migração. Compreende-se perfeitamente tal exclusão por focalizarem as línguas do Brasil e não no Brasil, além de ser de difícil informação a situação de LSs em contexto de fronteira ou migração tanto no contexto brasileiro como internacional. Por outro lado, entende-se que atentar para a existência de LSs exógenas, mas existente no território brasileiro é justo para complementar o quadro de línguas de herança e de migração presentes no território brasileiro, a exemplo das línguas pomerana, talian e hunsrückisch, para mencionarmos as mais conhecidas. Como língua de fronteira podemos apontar o espanhol fronteiriço e sua variedade de contato mais conhecida: o portunhol (STURZA, 2019).

Defendemos neste artigo a categoria de língua de fronteira para a LSV por esta estar presente em Roraima há um tempo considerável e estar começando a ser utilizada também por surdos e ouvintes brasileiros. Com a dinâmica das populações nacionais no mundo globalizado, o fenômeno migratório deixa de ser encarado como marginal para mostrar-se como de importância para se entender as dinâmicas sociais. O exemplo a ser considerado neste trabalho é a crise migratória venezuelana e seus impactos no Brasil.

Desde o acirramento da crise política e econômica na Venezuela, a partir de 2015, o estado de Roraima tem recebido um número expressivo de migrantes do país vizinho. No bojo dessa crise migratória, comunidades surdas são também atingidas. A partir de 2016 começamos a perceber a relação de surdos brasileiros com surdos venezuelanos de uma forma mais intensa. Logo em meados de 2017 foi possível assistir a eventos acadêmicos promovidos pela Universidade Federal de Roraima-UFRR com uma participação considerável de surdos venezuelanos o que ensejou a participação de intérpretes não apenas de Libras-português, como também de LSV-espanhol e Libras-LSV. Observar a interação entre as línguas portuguesa, espanhola, Libras e LSV em um mesmo ambiente levantou a questão de se conhecer melhor que LS era essa que alguns surdos brasileiros estavam aprendendo.

Esse processo de aprendizagem da LSV como L2 por parte de surdos brasileiros e a aprendizagem da Libras L2 por parte dos surdos venezuelanos provocou um fenômeno pouco descrito na literatura sobre contato de LSs: o contato entre duas línguas de sinais, ou seja, contato intermodal ou unimodal (ARAÚJO; BENTES, 2018). Tal situação não é inédita na linguística das línguas de sinais, é o caso do contato entre a Língua de Sinais Mexicana-LSM e a Língua de Sinais Americana-ASL<sup>4</sup> (QUINTO-POZOS, 2002), para ficarmos com um caso semelhante devido a questões migratórias. Encarar a LSV como língua de fronteira, e mais, língua de sinais da fronteira, traz maior visibilidade para essa língua e para os seus sinalizantes, além de chamar a atenção dos estudiosos para a existência de línguas na modalidade visuoespacial na categoria de línguas de fronteira e imigração no Brasil. Tomando como premissa o estatuto de língua de fronteira e de migração para a LSV, nos detemos sobre a situação dessa língua em seu contexto nacional e transnacional.

3 Para ficarmos com alguns exemplos, além das LSs originais Urubu-Kaapor, Sateré-Mawé, Kaingang, Terena, Guarani-Kaiowá e Pataxó apresentadas por Silva e Quadros (2017, p. 143-145) poderiam ser acrescentadas as LSs Akwé-Xerente (BARRETOS, 2016), Paiter Suruí (GREGIANINI, 2017) e Macuxi (ARAÚJO; BENTES, 2018), dentre outras que se tem apenas informações indiretas sobre suas existências.

4 É comum na literatura da Linguística das Línguas de Sinais se utilizar o acrônimo na forma como a língua é conhecida no seu país de origem. Sendo assim, ASL segue de American Sign Language, Libras de Língua Brasileira de Sinais, e DGS de Deutsche Gebärdensprache, esta a Língua de Sinais Alemã.

## O caso da LSV na Venezuela e no Brasil

Nesta seção, alguns pontos para contextualizar os movimentos e as fronteiras da LSV são apresentados, não de forma exaustiva, mas muito mais um panorama sobre essa língua entre Venezuela e Brasil. O primeiro desafio para quem se coloca na tarefa de conhecer a LSV fora da Venezuela é a pouca acessibilidade ao material acadêmico ou não, produzido sobre essa língua. No Brasil, contamos com uma publicação específica com um capítulo voltado para um panorama da situação educacional e linguística dos surdos da Venezuela (LUQUE; PÉREZ, 2017). Fora trabalhos esparsos e mais atuais como o de Luque e Pérez (2017), as informações sobre a comunidade surda venezuelana e a LSV são de difícil acesso. Boa parte dos trabalhos produzidos entre as décadas de 1980 e 1990 estão em formato mimeografado nas bibliotecas universitárias do país vizinho<sup>5</sup>.

Praticamente toda informação mais acessível sobre a LSV se encontra no website<sup>6</sup> organizado pelo linguista Alejandro Oviedo, além de suas próprias publicações, tornando-o uma das principais referências sobre essa LS. Tal fato é corroborado por Luque e Pérez (2017, p. 125) que apontam a decisão do referido linguista de residir na Alemanha como um dos fatores que deixou os estudos sobre a LSV mais escassos. Especificamente sobre os estudos linguísticos voltados para a LSV, Luque e Pérez (2017) dividem os trabalhos em dois períodos: de 1987 a 1993 e de 1994 a 2016. Nesses dois períodos a presença de Oviedo é essencial. Na primeira, com o protagonismo de Lourdes Pietrosevoli, o grupo de linguistas por ela liderados conduzem as primeiras investigações sobre a LSV, se ocupando principalmente sobre a questão de a LSV ser ou não uma língua natural. Esse primeiro período foi marcado ainda pelo trabalho de linguistas e professores em escolas de Educação Básica nas quais havia a presença de alunos surdos. No segundo período compreendido entre 1994 e 2016 verifica-se o que parecer ser a consolidação dos estudos linguísticos da LSV, tendo investigações em praticamente todos os níveis de análise: fonética/fonologia, morfologia, sintaxe, semântica/pragmática e discurso. As autoras enumeram 11 pontos de análises dos quais se destacam: a análise de narrativas em LSV realizada por Oviedo no qual o autor faz uso do traço C+ “como marca gramatical que permite introduzir na narrativa informações que tem a ver com os participantes e não com eventos.” (LUQUE; PÉREZ, 2017, p. 125); a classificação de verbos em não direcionais, subdivididos em verbos simples e demonstrativos. Estes últimos subdivididos ainda em ‘sinalizadores mediante deslocamento’ e reversíveis. A segunda categoria de verbos são os verbos espaciais, subdivididos ainda em verbos de trajetória, de ação-processo e de locação. Os classificadores da LSV receberam uma descrição de Oviedo (2004). A LSV conta possivelmente com cerca de 114 configurações de mão (CM) e 43 marcadores com diversas funções no discurso.

Conforme informações retiradas do site *Cultura Sorda*, não existe ainda uma padronização da LSV, dado confirmado por Pérez (2007) que defende o protagonismo dos próprios surdos na padronização da sua língua materna. No entanto, sabe-se que os processos de padronização sofrem grande influência dos trabalhos acadêmicos e nos processos de gramatização e dicionarização de línguas. Tal fato pode levar a uma possível norma eleita pelas variedades descritas e disseminadas nos estudos linguísticos ou por comunidades surdas venezuelanas detentoras de algum prestígio social.

Com o grande fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil, passando pela cidade de Pacaraima a cerca de 200km de Boa Vista, o contato entre as comunidades surdas venezuelanas e brasileiras foi intensificado. Com uma população estimada em 605 mil em 2019, Roraima conta com cerca de 50 mil imigrantes venezuelanos, de acordo com dados da Prefeitura de Boa Vista<sup>7</sup>. Esses números, porém, podem estar superados.

A cidade de Boa Vista possui abrigos voltados para a população de imigrantes, mas insuficientes, o que provoca o aumento no número de moradores de rua na capital. Dentre os diversos impactos decorrentes da imigração, o crescimento populacional e a diversificação da oferta de serviços são impactados diretamente. Para a população surda venezuelana que in-

5 Alguns trabalhos mais antigos estão digitalizados na Biblioteca Digital de Universidade de Los Andes, disponível em: <<http://bdigital.ula.ve/>> Acesso em 30 de abril de 2020.

6 Disponível em: <<https://cultura-sorda.org/>> Acesso em 30 de abril de 2020.

7 Disponível em: <<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2019/08/aumento-populacional-boa-vista-e-a-capital-com-maior-taxa-de-crescimento-entre-2018-e-2019-segundo-dados-do-ibge>> Acesso em: 30 de abril de 2020.

gressou no país os dados são desconhecidos ou inexistentes. Sabe-se da presença dos surdos imigrantes principalmente via instituições religiosas como a Pastoral do Surdo ligada à Igreja Católica. A Pastoral chega a atender em média 20 surdos venezuelanos diretamente. Os surdos imigrantes são vistos geralmente na entrada de agências bancárias ou semáforas da cidade como pedintes. Em outros espaços, como o universitário, é comum a participação dos mesmos em eventos promovidos pelo Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Roraima.

A interação entre a comunidade surda venezuelana com a comunidade surda brasileira é inevitável, o que não impede, infelizmente, a existência de eventos xenofóbicos contra surdos venezuelanos. É possível observar a presença de intérpretes de LSV em espaços religiosos como missas e eventos acadêmicos, porém em instituições como hospitais, cartórios, etc., os surdos venezuelanos contam com o auxílio de amigos brasileiros que saibam Libras e português para se comunicarem. A posição da Libras como língua de uso faz com que os surdos venezuelanos busquem aprendê-la como L2. Portanto, o contato entre surdos das duas nacionalidades é também o contato entre a Libras e a LSV. Dessa forma, ambas as línguas estão propensas a passar por processos típicos do contato linguístico, como detalhamos na seção que se segue.

### Fenômenos de contato entre LSs em/de fronteiras

Araújo e Bentes (2018) foram os primeiros a apontar algumas características típicas do contato entre a Libras e a LSV, destacando as particularidades dos contatos linguísticos entre surdos brasileiros e venezuelanos, enfatizando a importância do bilinguismo unimodal (Libras-LSV) em complemento ao bilinguismo bimodal dos surdos. Este seria decorrente dos processos de contato entre as duas línguas de sinais (Libras e LSV) com o português e o espanhol da comunidade ouvinte majoritária. Posteriormente, Cruz (2019) se ocupa do fenômeno de *codeswitching* realizado por surdos de uma família venezuelana. Enquanto o trabalho de Araújo e Bentes (2018) se concentra em tópicos mais gerais do bilinguismo unimodal de surdos bilíngues, Cruz (2019) focaliza o *codeswitching* Libras-LSV sob uma perspectiva mais etnográfica, deixando a desejar uma análise mais detalhada da estrutura linguística das duas línguas em contato.

Araújo e Bentes (2018) elencam assim algumas características dos contatos entre a Libras e a LSV: (a) o movimento migratório dos surdos venezuelanos em Boa Vista com um caráter temporário; (b) uma possível situação de diglossia de sinais dos surdos venezuelanos que utilizam a Libras nas interações corriqueiras e a LSV no âmbito familiar; (c) a comunidade surda, de brasileiros e venezuelanos, se caracterizaria muito mais como uma comunidade de prática; e (d) os fenômenos de *codeswitching* unimodal entre as LSs seriam desfavorecidos por efeitos de modalidade tais como a iconicidade, recursos gestuais e a similaridade da interlíngua das LSs. Entretanto, os autores não se aprofundam ou justificam essas observações, deixando em aberto suas ponderações.

O trabalho de Cruz (2019) traz informações úteis sobre o contexto fronteiriço da Libras e da LSV, porém deixa a lacuna de não apresentar as LSs foco do estudo adequadamente. Nas suas análises, foram apresentados cerca de 20 exemplos considerados *codeswitching*, agrupados de acordo com quais seriam suas funções e motivações. A forma como a autora apresenta os dados depreende-se que os sinais lexicais utilizados em LSV durante a sinalização indicam uma situação de aquisição da Libras L2. No entanto, em pelo menos dois exemplos é possível verificar uma maior produtividade na realização dos sinais e na sinalização indicando uma maior fluência por parte dos sinalizantes imigrantes. O exemplo de Cruz (2019, p. 131) renumerado abaixo como (1) apresenta uma mescla lexical comum entre línguas em contato. Para o caso de LSs, o uso dos parâmetros fonológicos (CM, PA, M, O e MNM)<sup>8</sup> colaboram para isso:

(1) Mescla lexical Libras-LSV (CRUZ, 2019, p. 131)

Maryha: BOM

<sup>8</sup> Abreviaturas para os parâmetros fonológicos mais descritos na literatura: CM = Configuração de mãos; PA = Ponto de Articulação; M = Movimento; O = Orientação da palma da mão; e MNM = Marcas Não Manuais. Conferir Quadros e Karnopp (2004) para uma descrição de cada parâmetro.

**Jorman:** **DELÍCIA** DELÍCIA, **DELÍCIA**.

**Interlocutor:** 3sGOSTAR?

Português brasileiro

**Maryha:** Que bom

**Jorman:** Uma delícia, delícia mesmo, uma delícia.

**Interlocutor:** Gostou?

A autora apresenta então a descrição do sinal:

**Figura 1:** Exemplo de mescla lexical



DELÍCIA: esse sinal inicia em Libras, com movimento retilíneo, da direita para esquerda e volta da esquerda para direita em LSV.

**Fonte:** Cruz (2019, p. 131)

Tal hibridismo lexical não é incomum entre LSs e línguas orais (LOs). Araújo e Bentes (2017) abordam o tema entre a Libras e a língua portuguesa.

O segundo exemplo abaixo é de Cruz (2019, p. 140), renumerado aqui, com o uso de dois conectivos da Libras MAS e SÓ, os quais a autora destaca com sublinhado:

(2) *Codeswitching* Libras-LSV (CRUZ, 2019, p. 140)

ENTÃO, PASSADO FAMÍLIA **SOBRE**. EU SEIS ANOS. PAI **COLOMBIA**, MÃE VENEZUELA 3sSEPARAR, MAS VOVÓ CUIDAR. MUDAR **COLÔMBIA**, SÓ DIFÍCIL SOZINHA.

“Então, o assunto é sobre o passado da minha família. Eu tinha seis anos. Meu pai morava na Colômbia e minha mãe na Venezuela, porque eles se separaram, mas a minha vovó cuidava de mim. Mudamos para Colômbia, mas era difícil eu ficava sozinha lá”.

Diferentemente do exemplo em (1), neste a autora não apresenta a realização dos sinais com imagens, no entanto, verifica-se que o uso de SÓ e MAS da Libras seja decorrente de interferência da LSV na Libras.

Araújo e Bentes (2018) apresentam um exemplo de *code-blending*:

(3) *Code-blending* Português-Libras-LSV (ARAÚJO; BENTES, 2018, p. 592)

Eu	sou intérprete de	LSV.	(Português)
EU	_____	LSV.	(Libras)
INTÉRPRETE		(LSV)	

Nesse exemplo, a sinalizante utiliza a Libras enquanto fala em português, mas no momento de sinalizar INTÉRPRETE em Libras, utiliza o sinal da LSV, semelhante ao sinal *INTERPRETER* da ASL.

Restringimos os exemplos neste trabalho a esses três por serem retirados de terceiros e por não ser o foco neste trabalho. Deixamos, no entanto, registrado aqui um ponto já discutido

por Slobin (2015, p. 850) sobre as dificuldades de apresentar dados de LSs, principalmente de *codeswitching*, utilizando o sistema de glosas aceito na literatura. As glosas obscurecem a real interação entre as línguas em contato. Materiais suplementares juntamente com os trabalhos poderiam minimizar esses problemas. Corrobora-se isso com o fato de não ser possível averiguar se o sinal SOBRE do exemplo (2) é um sinal funcional na LSV ou se algum sinal lexical foi utilizado por interferência semântica de uma das línguas. Por exemplo, na Libras o sinal SOBRE com o sentido sobre o que se fala pode ser realizado com a semântica do sinal ASSUNTO, mas na transcrição pelas glosas e pela tradução apresentada é praticamente impossível depreender qual foi a realização dos sinais em contato.

Considerando essas dificuldades de análise na transcrição de línguas sinalizadas, a partir dos exemplos (1), (2) e (3), uma mescla lexical, um *codeswitching* e um *code-blending*, respectivamente, é possível vislumbrar alguns dos principais fenômenos de contato entre línguas, sejam sinalizadas ou faladas, dentre os mais clássicos na literatura, citam-se: empréstimos, interferência, *codeswitching*, pidginização e crioulização. Um ponto relevante e indiscutível para o melhor tratamento do contato linguístico unimodal entre LSs é o da adequada descrição das LSs em contato. O nível de descrição das LSs originais e nativas no Brasil é incipiente ainda. No contexto da América Latina, o conhecimento das LSs nacionais é desigual. Isso pode ser um dos fatores preponderantes para a pouca atenção dada às LSs em contexto de fronteira, conforme já pontuava Adam (2012):

Até o momento, apenas poucos estudos têm focalizado sobre o contato entre duas línguas de sinais. Isso se deve pelo fato de que para investigar o contato entre duas línguas de sinais, uma descrição detalhada de cada língua de sinais é necessária, isto é, uma descrição individual de suas estruturas fonéticas, fonológicas, morfológica e sintática como também até que ponto essas estruturas diferem entre as duas línguas. (ADAM, 2012, p. 852)<sup>9</sup>

Poucas LSs no contexto da América Latina contam com um corpo de descrição e análise linguística considerável, contando com a organização de *corpora*, gramáticas e dicionários. Devido a isso, entendemos que trabalhos que se colocam o objetivo de analisar os processos e produtos de contatos linguísticos devam se valer minimamente de uma descrição das línguas em contato para uma melhor apreciação de seus fenômenos decorrentes dos próprios contatos linguísticos. Dito isso, ressaltamos aqui a importância de estudos voltados para o bilinguismo unimodal de surdos e seus contatos para a elaboração de teorias do contato que considerem seriamente a modalidade visuoespacial das LSs. Diferentes modelos teóricos de línguas em contato como o de Myers-Scotton (2002), de Mufwene (2008) e Coetsem (2002) podem se beneficiar dos dados empíricos das LSs, servindo como testes das premissas desses modelos, se os mesmos se sustentam em diferentes modalidades de língua.

Numa perspectiva menos linguística, o estudo dos contatos linguísticos entre LSs em/ de fronteiras contribui para um melhor conhecimento e integração das comunidades surdas em interação, suas identidades e suas práticas na legitimação de seus direitos como minorias sociais detentoras de línguas minorizadas em situação de fragilidade social como a imigração. Sobre esse último ponto nos detemos mais detalhadamente na próxima seção.

9 Tradução livre de: "To date, only few studies have focussed on contact between two sign languages. This may be due to the fact that in order to investigate contact between two sign languages, a detailed description of each of the sign languages is necessary, that is, a description of their individual phonetic, phonological, morphological, and syntactic structures as well as the extent to which these differ between the two languages."

## Possível mapeamento de outras LSs de fronteira no Brasil e na América Latina

O caso da LSV como LS de fronteira traz à tona a discussão da existência de outras línguas de sinais em contextos de fronteira no Brasil, em particular, e na América Latina em um contexto mais mundializado. Talvez o contato mais bem documentado entre duas LSs, na América Latina, seja a da Língua de Sinais Mexicana-LSM com a Língua de Sinais Americana (ASL em inglês) (QUINTO-POZOS, 2002; 2008; MIROSLAVA; SERRANO, 2018)<sup>10</sup>. Para as demais LSs nacionais dos países latinos pouco é conhecido, apesar de ser plausível que possa existir contatos linguísticos em cidades fronteiriças em qualquer parte do mundo. Um contexto propício para a verificação e documentação de LSs em situação de contato é o das cidades gêmeas no Brasil nas faixas de fronteira.

Atualmente, no Brasil, são consideradas cerca de 33 cidades gêmeas. Nelas, o contato entre variedades de português e espanhol tem produzido o que na literatura tem se chamado *portunhol*. Enquanto os estudos sobre o portunhol já alcançam um bom entendimento na relação entre o português e o espanhol (STURZA, 2019), pouco ou nada é conhecido sobre as LSs utilizadas pelas comunidades surdas fronteiriças.

É de se esperar que pelo menos nessas aglomerações urbanas o contato entre as comunidades surdas dos diferentes países com o Brasil seja mais dinâmico, ou por questões migratórias, como em Roraima, ou por questões educacionais, comerciais, turísticas, etc. Um exemplo ilustrativo do qual lançamos mão é o trabalho de Figueira (2016) sobre uma “comunidade surda da fronteira”, entre as cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Nesse trabalho, a autora descreve os discursos dos surdos dos dois países e suas experiências “compartidas”, especialmente entre as línguas de sinais, a Libras e a Língua de Sinais Uruguiaia-LSU.

Figueira (2016) não se detém a aspectos descritivos das LSs na fronteira daquelas cidades, considerando não ser um trabalho linguístico, mas da Educação, seu foco de estudo é a caracterização dessa comunidade surda “compartida”. No entanto, a autora menciona as tentativas dos surdos dos dois países de denominar a variedade de língua de sinais utilizadas por eles nessa fronteira. Inicialmente a autora denominou a língua de sinais compartilhada (“compartida” nos termos dela) como “LIBRAÑOL”, inegavelmente uma referência ao *portuñol*, variedade decorrente do contato entre português e espanhol utilizada pela população de ouvintes. A autora acaba, por fim, denominando a língua como “LIBRALSU” por acatar o que alguns surdos opinaram para adequar o termo em português como o sinal nome dado pela comunidade surda para a variedade de contato entre a Libras e a LSU. O sinal é descrito por Figueira (2016) como segue:

... o sinal léxico de LIBRALSU em língua de sinais, executado em frente ao corpo no espaço neutro com as duas mãos abertas, a mão direita com três dedos estendidos (polegar, indicador, dedo médio) tomando como empréstimo linguístico o sinal de LSU, e a mão esquerda com todos os dedos estendidos, tomando como empréstimo linguístico o sinal de LIBRAS; as duas mãos se encontram em frente ao corpo em um movimento circular para cima e para baixo. (FIGUEIRA, 2016, p. 84)

Depreende-se que a Libras atua como língua de maior prestígio nessa comunidade surda de fronteira. Além disso, o fato de haver um sinal específico para a variedade da LS utilizada por essa comunidade surda em particular indica a existência de uma LS de contato, à semelhança da sua contraparte oral, o portunhol.

O caso da “LIBRALSU” é apenas um exemplo do universo de LSs em contato que po-

<sup>10</sup> Para um panorama da literatura sobre contatos entre línguas de sinais, conferir Quinto-Pozos e Adam (2015) e Quinto-Pozos (2007).



dem e devem ser documentadas e descritas pelo Brasil. Em Roraima, existe o caso da LSV e da Libras, mas não em contexto de cidade gêmea, mas na capital do estado, Boa Vista, e isso devido à crise migratória da Venezuela, já que grande parte dos imigrantes se dirigem para a capital, cidade com mais alternativas de atividades financeiras. De qualquer modo, Boa Vista, assim como todos os municípios de Roraima, se encontra na faixa de fronteira legalmente<sup>11</sup>, ensejando que se mantenha a proposta de reforçar o estatuto de LS da fronteira para a LSV.

Vale mencionar aqui a possibilidade de estar acontecendo na Colômbia, entre surdos colombianos e venezuelanos, o mesmo processo do Brasil, considerando que a onda migratória para aquele país vizinho da Venezuela foi maior do que para o Brasil. Supõe-se que a Língua de Sinais Colombiana-LSC e a LSV estejam em contato, produzindo fenômenos parecidos ou não com os do contato Libras-LSV. De qualquer modo, apenas estudiosos interessados nesses processos residentes naquele país poderiam colaborar com a documentação desses fenômenos.

Indagamos ainda se outras fronteiras da América Latina não poderiam trazer para o palco dos debates as relações entre comunidades surdas e suas táticas de interações sociais mediante suas línguas sinalizadas. De qualquer maneira, sabemos que as LSs da América Latina precisam de uma atenção maior para seus aspectos descritivos. Quem sabe com a visibilidade dos estudos dessas línguas seus contatos fronteiriços não sejam mais presentes e notados pelos pesquisadores e pelos seus usuários.

## Conclusão

O que antevemos no exemplo do contato da Libras com as línguas de sinais dos países vizinhos é uma maior preocupação por parte dos pesquisadores para o contexto de fronteira e migração das comunidades surdas e conseqüentemente dos contatos entre línguas de sinais.

Os dados e as situações apresentados neste artigo, mesmo que de forma ensaística, conclamam pesquisadores para atentar para esses horizontes de fronteiras relativamente esquecidos. Os movimentos migratórios de pessoas surdas precisam ser levados em conta, como também o papel primordial que as LSs exercem na mobilidade dessa população. Este trabalho inicia com uma premissa forte. Logo de início aponta a LSV como língua de fronteira, apontando para tipologias de comunidades surdas, a exemplo de Silva e Quadros (2017) da necessidade de atentar para as situações de línguas de imigração e de fronteira. Aceitar a LSV como parte da diversidade linguística do Brasil é desdobrar possibilidades de estudos em conjunto dessa língua na realidade brasileira, dando visibilidade e legitimidade para os direitos linguísticos de seus usuários em situação social fragilizada. Logo após defender o estatuto de LS de fronteira para a LSV, apontamos os fenômenos de contato que podem e devem ser aprofundados para o conhecimento das particularidades dos contatos entre LSs fronteiriças. Por fim, demonstramos a necessidade urgente de um mapeamento das possíveis zonas de contato pelos demais territórios fronteiriços da América Latina, oferecendo outro exemplo, superficialmente, de contato entre a Libras e a LSC no contexto de duas cidades em contexto de fronteira.

A configuração da LSV como língua de fronteira Brasil-Venezuela confirma a necessidade de documentação e descrição de LSs em contextos de fronteira decorrentes de processos migratórios ou não.

## Referências

ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). **Sign Language: An International Handbook**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841–862.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; BENTES, Thaisy. Contatos linguísticos e bilinguismo uni e bimodal entre a Libras e a LSV em Roraima. **Letra Magna** (Online), v. 14, p. 585-597, 2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/Acesso/convenios/anexos/anexo-vii-lista-municipios-faixa-de-fronteira.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2020.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; BENTES, Thaisy. Jogos de sinais híbridos e empréstimos do português na Língua Brasileira de Sinais-Libras. **Revista Linguística**. v. 13, n. 3 (2017), p. 150-173.

BARRETOS, Euder Arrais. **A situação de comunicação dos Akwê-Xerente Surdos**. 2016, 96f. Dissertação (Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

COETSEM, Frans van. **A general and unified theory of the transmission process in language contact**. Heidelberg: Winter Verlag, 2002.

CRUZ, Alessandra Pedrozo da. **Contato entre línguas de sinais**: um estudo sociolinguístico sobre o code-switching no contexto fronteiriço Brasil e Venezuela. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, 42, 1984. p. 45-56.

FIGUEIRA, Mariana Pereira Castro. **Comunidade surda da fronteira: experiência “compartida”**. 2016, 103f. Dissertação (Educação Especial), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

GREGIANINI, Luciana Coladine Bernardo. **Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade**. 2017, 179f. Dissertação (Letras), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

LUQUE, Beatriz; PÉREZ, Yolanda. Uma aproximación a la educación y a la lengua de la comunidade de sordos de Venezuela. In: ZAMBRANO, Romana Castro; PEDROSA, Cleide Emilia Foye. (Eds.). **Comunidades Sordas em América Latina: Lengua – Cultura – Educación – Identidad. = Comunidades Surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade**. Florianópolis: Editora Bookess. p. 109-132.

MIROSLAVA, Cruz Aldrete; SERRANO, Júlio. La comunidad sorda Mexicana: vivir entre várias lenguas: LSM, ASL, LSMY, español, inglês, maya. **Convergências: Revista de Educación**, 1(2), p. 83-102, 2018.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Contact Linguistics: Bilingual encounters and grammatical outcomes**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MUFWENE, Salikoko S. **Language Evolution: Contact, competition and change**. Nova York: Bloomsbury, 2008.

OVIEDO, Alejandro. **Classifiers in Venezuelan Sign Language**. International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf. Hamburg: Signum Verlag, 2004.

PEREZ, Yolanda. La norma en la lengua de señas venezolana. **Sapiens. Revista Universitaria de Investigación**, año 8, n. 2, dez. 2007. p. 105-121.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). **Sign Language: An International Handbook**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012.

QUADROS, Ronice. Tecnologia para o estabelecimento de documentação de línguas de sinais. In: CORREA, Ygor; CRUZ, Carina. Rebello. (Orgs.). **Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019.

QUADROS, Ronice; LEITE, Tarcísio. A. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Mariane; LEITE, Tarcísio. A. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis. Ed. Insular. 2014, p.15-28.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice; SILVA, Diná Souza da. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, Romana Castro; PEDROSA, Cleide Emilia Foye. (Eds.). **Comunidades Sordas em América Latina: Lengua – Cultura – Educación – Identidad. = Comunidades Surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade**. Florianópolis: Editora Bookess, 2017. p. 135 – 152.

QUINTO-POZOS, David. **Contact between Mexican Sign Language and American Sign Language in two Texas border areas**. Dissertação (Linguística), University of Texas at Austin, 2002. QUINTO-POZOS, David. (Org.). **Sign Languages in Contact**. Washington D. C.: Gallaudet University Press, 2007.

QUINTO-POZOS, David. Sign Language Contact and Interference: ASL and LSM. **Language in Society**, 37, 2008, p. 161-189.

QUINTO-POZOS, David; ADAM, Robert. Sign languages in contact. In: SCHEMBRI, Adam C.; LUCAS, Ceil (Eds.). **Sociolinguistics and Deaf Communities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SLOBIN, Dan Isaac. Quebrando modelos: as línguas de sinais e a natureza da linguagem humana. **Forum Linguístico**. v. 12, n. 3 (2015). P. 844-853. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2015v12n3p844>

SILVA, Diná Souza da.; QUADROS, Ronice Müller de. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22 111-22127, out. 2019.

STURZA, Eliana. *Portunhol*: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, 2019, p. 95-116.

VOS, Connie de; ZESHAN, Ulrike. Introduction: Demographic, sociocultural, and linguistic variation across rural signing communities. In: ZESHAN, Ulrike; VOS, Connie de. (Orgs.). **Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights**. Berlin: De Gruyter, Ishara Press, 2012. p. 2-26.

Recebido em 20 de abril de 2020.  
Aceito em 25 de novembro de 2020.